

TRABALHOS DE PESQUISA

TE AMO, MAS NÃO TE DESEJO: DILEMAS DE ASSEXUAIS ENVOLVIDOS EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS

I LOVE YOU, BUT I DON'T WANT YOU: DILEMMAS OF ASSEXUALS INVOLVED IN ROMANTIC
RELATIONSHIP

TE AMO, PERO NO TE DESEO: DILEMAS DE ASEXUALES INVOLUCRADOS EN RELACIONES
AMOROSAS

Jeanderson Soares Parente¹  Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra²  Felice Teles Lira dos Santos Moreira³  Ana Laís Pereira
Castro⁴  Maria Letícia de Oliveira Silva⁴  Grayce Alencar Albuquerque⁵ 

Resumo: A definição de assexualidade é entendida como a orientação sexual de indivíduos que não sentem atração sexual direcionada à outra pessoa e que pode impactar efeitos psicológicos negativos. Objetivou-se identificar dilemas e efeitos psicológicos vivenciados por assexuais que se envolveram em relacionamentos amorosos com parceiros sexuais. Trata-se de um estudo misto, realizado com assexuais brasileiros de uma comunidade virtual. Foi observado que dos 40 assexuais participantes, 28 relataram histórico de envolvimento amoroso com parceiros sexuais, desses, 14 sofreram coerção sexual pelo parceiro e nove cederam à pressão, mantendo relações sexuais a contragosto. Participantes do sexo feminino tiveram 0,17 mais chances de sofrer coerção sexual que o sexo masculino. Identificou-se potencial vulnerabilidade psicológica dos assexuais e indissociabilidade do amor e sexo, manifestada pelo sexo como forma de legitimação/prova do sentimento amoroso. Assim, constatou-se que os ideais de amor romântico e a indissociabilidade amor/sexo prejudicam a saúde física e psicológica dos assexuais e compromete a qualidade das relações amorosas.

Palavras-chave: Assexualidade; Amor; Sexo; Delitos Sexuais.

Abstract: Asexuality is defined as the sexual orientation of individuals who do not feel sexual attraction towards another person, and which can have negative psychological effects. The aim of this study was to identify the psychological dilemmas and effects experienced by asexuals who have been involved in romantic relationships with sexual partners. This is a mixed study conducted with Brazilian asexuals from a virtual community. It was observed that of the 40 asexual participants, 28 reported a history of romantic involvement with sexual partners, of which 14 suffered sexual coercion by their partner and nine gave in to pressure, having sexual relations against their will. Female participants were 0.17 times more likely to suffer sexual coercion than male participants. The potential psychological vulnerability of asexuals and the inseparability of love and sex were identified, manifested by sex as a form of legitimization/proof of the feeling of love. Thus, it was found that the ideals of romantic love and the inseparability of love/sex harm the physical and psychological health of asexuals and compromise the quality of romantic relationships.

Keywords: Asexuality; Love; Sex; Sexual offenses.

Resumen: La asexualidad se define como la orientación sexual de las personas que no sienten atracción sexual hacia otra persona, lo cual puede tener efectos psicológicos negativos. El objetivo de este estudio fue identificar los dilemas y efectos psicológicos que experimentan las personas asexuales que han mantenido relaciones románticas con parejas sexuales. Se



¹ Mestrado em Neurociência Cognitiva e Comportamento pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba - PB, Brasil. l7jeanderson@gmail.com

² Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (URCA). Universidade Regional do Cariri - URCA, Departamento de Enfermagem, Crato - CE, Brasil. saskya.barros@urca.br

³ Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora Temporária da Universidade do Cariri (URCA). Universidade Regional do Cariri - URCA, Departamento de Enfermagem, Crato - CE, Brasil. felice.teles@urca.br

⁴ Graduanda em enfermagem na Universidade Regional do Cariri. Universidade Regional do Cariri - URCA, Departamento de Enfermagem, Crato - CE, Brasil. lais.castro@urca.br; marialeticia.oliveira@urca.br

⁵ Pós - Doutorado pela FIOCRUZ, Ceará. Docente do quadro efetivo da Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora Adjunta do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (URCA), Universidade Regional do Cariri - URCA, Departamento de Enfermagem, Crato - CE, Brasil. grayce.alencar@urca.br

trata de um estudo misto realizado com pessoas assexuais brasileiras de uma comunidade virtual. Se observou que, de los 40 participantes assexuais, 28 reportaron antecedentes de relaciones románticas con parejas sexuales, de los cuales 14 sufrieron coerción sexual por parte de su pareja y nueve cedieron a la presión, manteniendo relaciones sexuales contra su voluntad. Las mujeres participantes tuvieron 0,17 veces más probabilidades de sufrir coerción sexual que los hombres. Se identificó la potencial vulnerabilidad psicológica de las personas assexuales y la inseparabilidad del amor y el sexo, manifestada por el sexo como una forma de legitimación/prueba del sentimiento amoroso. Así, se descubrió que los ideales del amor romántico y la inseparabilidad del amor/sexo perjudican la salud física y psicológica de las personas assexuales y comprometen la calidad de las relaciones románticas.

Palabras clave: Asexualidad; Amor; Sexo; Delitos Sexuales.

Introdução

A assexualidade é entendida como a orientação sexual de indivíduos que não sentem atração sexual. Essa definição estabelece uma diferença entre desejo sexual e atração sexual: o desejo sexual é uma resposta biológica e natural, desencadeada por estímulos externos, enquanto a atração sexual envolve o direcionamento desse desejo para outra pessoa. Embora tanto pessoas sexuais quanto assexuais possam sentir desejo sexual, a principal distinção é que, enquanto os indivíduos sexuais direcionam esse desejo a outras pessoas, os assexuais não direcionam o desejo a ninguém (Parente; Albuquerque, 2016). Por esse motivo, a principal característica definidora da assexualidade é a impossibilidade de sentir atração sexual por outras pessoas. Desse modo, indivíduos assexuais podem ter sua orientação assexual caracterizada em função da ausência de atração sexual, não pelo comportamento sexual, visto que os assexuais são perfeitamente capazes de manter relações sexuais, mesmo sem sentir atração (Aven, 2019; Oliveira, 2013; Oliveira, 2014).

A ausência de atração sexual não significa ausência de atração romântica. Para abranger essa diversidade surgiram subgrupos dentro do espectro assexual. O primeiro subgrupo é composto pelos assexuais estritos, no qual estão inseridos os assexuais aromânticos. Esses indivíduos não sentem atração sexual nem romântica por nenhum gênero ou sexo, mas estabelecem outros tipos de vínculos sociais e afetivos, como os vínculos de amizade, familiares e profissionais. O segundo subgrupo são os assexuais românticos, que desejam estabelecer relacionamentos amorosos, mas sem relações sexuais. Os assexuais românticos podem ser classificados em quatro categorias análogas às dos indivíduos sexuais, sendo elas: os heterorromânticos, homorromânticos, birromânticos e panromânticos.

Entre os indivíduos sexuais que sentem atração afetiva e romântica por um ou mais sexo/gênero (como os heterossexuais e homossexuais) e os indivíduos assexuais românticos que sentem atração romântica, mas não sexual (como os heterorromânticos e birromânticos), existe uma zona cinza na qual estão inseridos sujeitos do espectro semisssexual. Nessa categoria fazem parte os: i) *Gray-A*, que inclui os *grays* românticos, os quais podem sentir atração sexual esporadicamente, mas não necessariamente precisam concretizar o ato sexual e ii) os demisssexuais, considerados sujeitos que somente conseguem sentir atração sexual mediante presença de algum tipo de vínculo emocional ou afetivo (Stefanelli, 2020).

Os assexuais defendem sua identidade sexual como legítima e válida, buscando o reconhecimento social da assexualidade como uma forma saudável e respeitável de viver, reivindicando direitos sexuais em todas as suas formas. Isso inclui a criação de uma nova imagem de si mesmos, a melhoria da comunicação com parceiros e a aceitação de familiares e amigos. Além disso, almejam contribuir para uma nova compreensão da sexualidade (Munárriz; Bezerra, 2019).

Assim, de um modo geral, um dos desafios e dilemas relacionados à assexualidade é de que alguns assexuais mantêm ou já mantiveram um relacionamento com indivíduos sexuais, surgindo a necessidade de negociação da prática do sexo ou da formação de relacionamentos não monogâmicos; condição que pode gerar impactos emocionais negativos, pois se concebe que para uma boa saúde mental, deve haver harmonia entre sexo e relacionamentos amorosos (Santos, 2016).

Tal condição é uma imposição social que estabelece modelos prontos para as relações afetivo-sexuais imbricadas no mito dos ideais de amor romântico, implicando a permanência do indivíduo assexual em relações amorosas muitas vezes abusivas, por meio da coerção sexual. Além disso, propaga-se o ideário de

família, mantida pela união de duas pessoas em um cenário que associa sexo e amor para o fortalecimento dessa união. Assim, por mais forte que seja o laço afetivo, frustrações e conflitos nas uniões conjugais podem se tornar presentes por inúmeros motivos (Zanella; Ortolan; Luz, 2017; Toledo, 2013), inclusive pela ausência de sexo entre parceiros, como é o caso das relações envolvendo assexuais, podendo ocasionar, muitas vezes, a separação do casal.

Por viverem em uma sociedade erotizada, os assexuais frequentemente se sentem estigmatizados e oprimidos, sendo rotulados como "anormais" ou portadores de alguma patologia. Contudo, a assexualidade não é uma patologia, mas uma forma legítima e comum de vivenciar a sexualidade, inerente ao indivíduo e expressa em sua subjetividade (Lima, 2021).

Dessa forma, tendo em vista as tentativas de patologização da comunidade assexual em decorrência do desinteresse pelo ato sexual e suas especificidades, bem como a incompreensão da sociedade com relação ao direito de recusa sexual dessa população, é importante destacar os corriqueiros problemas ocasionados pelas relações amorosas entre pessoas assexuais e sexuais, que, não raramente, proporcionam dilemas para a vida do casal (Rozenhal, 2018; AVEN, 2019).

Nesse cenário, objetivou-se descrever os dilemas e efeitos psicológicos vivenciados por assexuais que se envolveram em relacionamentos amorosos com parceiros.

Método

Estudo descritivo, de corte transversal e abordagem mista, realizado com 40 indivíduos assexuais do Brasil, integrantes de um grupo assexual cadastrado em um fórum *on-line* denominado Comunidade Assexual (A2), e com membros de um grupo assexual fechado que realizava reuniões presenciais no estado de Minas Gerais, Brasil. A Comunidade Assexual (A2), criada em 2009, possui 1.158 usuários registrados e é um portal estritamente brasileiro com propósitos informativos, educacionais, de visibilidade e interação entre assexuais e demais visitantes do portal (Comunidade Assexual, 2019).

Toda a pesquisa foi realizada virtualmente. A opção pela pesquisa *on-line* condiz com as principais práticas e métodos usualmente empregados por estudos nessa área, dada a impossibilidade de realização de um estudo face a face com os participantes.

Para realização do estudo entre os usuários da Comunidade A2, o pesquisador se cadastrou no portal dessa comunidade e criou uma postagem no fórum deste portal para divulgar a pesquisa e convidar usuários do fórum a participarem do estudo. Estes foram direcionados ao questionário da pesquisa por meio de um *link* do *Google Forms* presente na postagem. No caso do grupo presencial de Minas Gerais, o pesquisador obteve o contato da líder, que auxiliou na orientação, revisão e divulgação do questionário para os integrantes do seu grupo presencial. Essa divulgação pelo líder ocorreu mediante encaminhamento do *link* do questionário de pesquisa por e-mail e *whatsapp*.

Como critérios para participar do estudo, os indivíduos assexuais deveriam ser brasileiros/as, residirem no país e se reconhecerem dentro do espectro assexual, demissexual ou *gray-a*.

Para definição da amostra na Comunidade A2 foi utilizada amostragem acidental, formada por elementos que se encontravam circunstancialmente no local da pesquisa, ou seja, navegando no fórum virtual. Frente aos membros do grupo presencial, a amostragem se deu por bola de neve, em que o líder do grupo indicou o questionário para alguns de seus membros. A pesquisa ficou disponível para acesso e participação dos membros assexuais durante cinco anos, de 2015 a 2020.

Sobre o instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário eletrônico semiestruturado que continha informações sobre condições socioeconômicas e características dos relacionamentos amorosos envolvendo parceiros sexuais e assexuais, bem como dilemas e complexidades que permeavam esse contexto.

Foram conduzidas análises descritivas simples das variáveis quantitativas relacionadas aos dados socioeconômicos e características dos relacionamentos. Por ser preferível em amostras menores, foi utilizada a razão verossimilhança como alternativa ao teste Qui-quadrado, para determinação de possíveis associações entre os dados sociodemográficos e a pressão do parceiro para manter relações sexuais. Devido à limitação amostral, não foi possível realizar essa análise estatística em todas as variáveis. Foram apresentados e discutidos apenas os resultados considerados significativos ($p < 0,05$). Os cálculos foram realizados por meio

do software *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 2.0. O risco relativo foi utilizado como medida para o tamanho do efeito por meio da fórmula abaixo (Field, 2009).

$$\text{Risco relativo} = \frac{\frac{\text{Chances}_{\text{Pressão sexo masculino}}}{\text{Chances}_{\text{Pressão sexo feminino}}}}{\frac{\text{Chances}_{\text{Sem pressão sexo masculino}}}{\text{Chances}_{\text{Sem pressão sexo feminino}}}}$$

Em relação aos dados qualitativos, para sua organização, elencou-se os discursos dos participantes assexuais de forma a reforçar os achados quantitativos obtidos no estudo. Ainda, objetivando-se o agrupamento dos discursos para obtenção da força das expressões, utilizou-se o Programa *Interface de R pour L Analyses Multidimensionnelles de Textes L de Questionnaires (IRAMUTEQ)*, versão 0.7 alfa 2 (Marchand; Ratinaud, 2012). Esse software, de instalação gratuita, permite a análise estatística clássica do texto. Para este estudo foi utilizada a Nuvem de Palavras, que agrupa e organiza as palavras graficamente em função da sua frequência em um grupo de textos sobre determinada temática, permitindo uma leitura compreensível e visualmente clara (Marchand; Ratinaud, 2012; Camargo; Justo, 2013). Por fim, a análise dos dados ocorreu em consonância com a literatura científica pertinente.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Juazeiro do Norte, sob parecer CEP/FJN nº 1.309.933, tendo cumprido todos os requisitos éticos, entre eles a confidencialidade dos dados. Os participantes foram identificados por números ordinais crescentes mediante a ordem de preenchimento do formulário, seguido pela identificação do sexo biológico, sendo a letra F designada para o feminino e M para o masculino. Desse modo, os primeiros participantes do sexo masculino e feminino a preencherem o formulário foram identificados como (1, M) e (1, F), respectivamente, e assim por diante.

Os participantes foram convidados a ler e aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponibilizado no início do questionário eletrônico (*Google Forms*), contendo informações relevantes sobre o estudo. A concordância com o TCLE foi registrada mediante a seleção da opção “Li e concordo com os termos acima”, configurada como obrigatória para prosseguir no questionário. Não foi exigida assinatura digital/física, considerando-se a opção como manifestação de consentimento, conforme diretrizes éticas aplicáveis à coleta de dados em ambientes virtuais, especificadas no inciso XXII, Art. 2 da Resolução Nº 510/2016 (Brasil, 2016).

Resultados

As tabelas apresentadas a seguir representam os principais dilemas e efeitos psicológicos vivenciados por assexuais que se envolveram em relacionamentos amorosos com parceiros sexuais, iniciando-se pelo perfil sociodemográfico dos participantes do estudo.

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos participantes. Brasil. 2015 – 2020

CARACTERÍSTICA	Fa	Fr (%)
Sexo biológico		
Masculino	15	37,5
Feminino	24	60,0
Sem resposta	01	02,5
Identidade de gênero		
Cisgênero	35	87,5
Transgênero	04	10,0
Não sabe	01	02,5
Faixa etária		
18 a 27	33	82,5

28 a 37	07	17,5
Cor/etnia		
Amarelo	01	02,5
Branco	23	57,5
Moreno, pardo, mulato e negro	19	40,0
Crença religiosa		
Sim	37	92,5
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	01	02,5
Ensino médio completo e incompleto	08	20,0
Ensino superior completo e incompleto	28	70,0
Pós-graduação	03	07,5
Renda familiar*		
De 1 salário a 3 salários	20	50,0
De 4 salários a 6 salários	20	50,0
Estado civil		
Solteiro	37	92,5
Casado	01	02,5
Namorando	01	02,5
Divorciado/a	01	02,5
Autoidentificação assexual		
Arromântico	09	22,5
Heterorromântico	06	15,0
Homorromântico	04	10,0
Birromântico	03	07,5
Demissexual	05	12,5
Gray-a	07	17,5
Não sabe	06	15,0

Fonte: Pesquisa direta.

*Salário mínimo referente ao ano em que foi preenchido

Destaca-se que, como nas demais orientações sexuais, o sexo e/ou a identidade de gênero do alvo da atração romântica dos assexuais definem as subcategorias dos indivíduos sexuais românticos em heterorromânticos, homorromânticos, birromânticos e panromânticos.

Ainda, a comunidade assexual amplia o leque da assexualidade ao criar oportunidades como a “área cinza” (Gray-A), cujos integrantes fluem entre os assexuais e os não assexuais. Essas pessoas experimentarão atração sexual em situações específicas, como é o caso dos gray-A, os quais teriam níveis de atração sexual flutuante, passando por determinados períodos nos quais ficam sem ter relações sexuais; e dos demissexuais, que se identificam como pessoas que têm envolvimento sexual exclusivamente quando há um envolvimento afetivo.

Tabela 2 - Relacionamento de pessoas assexuais com pessoas sexuais. Brasil. 2015 – 2020

CARACTERÍSTICA	Fa	Fr (%)
Já manteve relação amorosa com pessoas sexuais?*		
Sim	28	70
Não	12	30
Estaria disposto/a permitir que seu parceiro/a mantenha relações sexuais com outra pessoa como uma forma de satisfação das necessidades sexuais dele/dela?*		

Sim	09	22,5
Não	18	45
Não sabe/não respondeu	13	32,5
Você tem ou já teve relações sexuais com seu/sua parceiro/a devido a uma pressão por parte dele/dela para manter relações sexuais com você?		
Mantiveram relações por pressão	09	32,1
Mantiveram relações, mas não foram pressionados(as)	09	32,1
Não mantiveram relações sexuais, mas foram pressionados(as)	05	17,9
Não mantiveram relações sexuais nem foram pressionados(as)	04	14,3
Não sabem ou não lembram	01	3,6
O/a seu/sua parceiro/a, que você tem/teve/, respeita/respeitou o fato de você não gostar de sexo (sua condição sexual)?		
Sim	08	28,6
Não	12	42,9
Não sabe/não respondeu	08	28,6
Seu/sua parceiro/a duvidou de seu sentimento por ele/ela porque você se recusou a manter relações sexuais com ele/ela?		
Sim	13	46,4
Não	10	35,7
Não sabe/não respondeu	05	17,9
Você tem/teve medo de que a relação de vocês acabe/acabasse por conta do/a seu/sua parceiro/a querer manter relações sexuais e você não?		
Sim	20	71,4
Não	08	28,6
Como você e seu/sua parceiro/a resolvem ou resolveram essa questão de manter relações sexuais?		
Terminando o relacionamento	10	35,7
Dialogando e buscando consenso	05	17,9
Continuou cedendo às vontades do(a) parceiro(a) para fazer sexo	06	21,4
Não foi preciso resolver	07	25,0

Fonte: Pesquisa direta.

*As duas primeiras variáveis tiveram sua frequência relativa calculada a partir do total de 40 participantes. Todas as demais variáveis destinavam-se exclusivamente aos assexuais que se envolveram amorosamente com pessoas sexuais, de modo que a frequência relativa dessas variáveis foi calculada a partir dos 28 participantes que relataram tal envolvimento.

Com base nas informações da variável sobre realização do sexo motivada por pressão do parceiro, pode-se inferir que, independentemente da ocorrência ou ausência do ato sexual, 50% (n=14) dos participantes sofreram coerção sexual e 46,4% (n=13) não sofreram.

Além do importante fato de que o término dos relacionamentos foi a principal forma para resolução do problema referente à ausência de práticas sexuais entre o casal, destaca-se a pequena quantidade de assexuais que buscaram dialogar e procuraram consenso em relação a tais práticas. Essa variável envolveu uma declaração ou demonstração explícita dos assexuais para seus parceiros de que esses não tinham interesse ou estavam desconfortáveis em manter relações sexuais. Alguns, mesmo desconhecendo sua identidade assexual na época do relacionamento, manifestaram de forma explícita o desinteresse pelo sexo com o parceiro; embora outros, também por desconhecimento da assexualidade, por se sentirem estranhos, por medo da relação acabar ou por medo do julgamento e preconceito, omitiram do parceiro o desinteresse pelo sexo e simplesmente cederam às vontades sexuais destes.

Considerando o total de indivíduos assexuais que simplesmente cederam às vontades do parceiro e os que cederam mediante diálogo em busca de consenso, as principais estratégias utilizadas pelos participantes para minimizar ou não o desconforto decorrente do ato sexual forçado foram o controle da frequência sexual sem que o parceiro soubesse, adiamento da prática, sexo sem penetração (*gouini*) e manutenção de práticas sexuais esporádicas.

Em relação à submissão às práticas sexuais a contragosto, essa tem relação com a concepção do sexo como uma imposição social e indissociável nas relações amorosas. Quando a relação sexual não se faz presente em um envolvimento amoroso, os sentimentos dos parceiros são postos à prova, dessa forma, o parceiro sexual coíbe o indivíduo assexual para prática do sexo, como uma comprovação de seus sentimentos. Assim, os discursos dos participantes reforçam os dados quantitativos e revelam, para além das práticas sexuais forçadas, encenações de prazer sexual, de forma a demonstrar aos parceiros satisfação com o ato sexual, submissão às práticas sexuais frente ao receio de término da relação e mal-estar físico e psicológico diante da realização do ato.

A sociedade tem a cultura do sexo. Para quem não tem a atração sexual, o parceiro entende que não ter relações sexuais significa que não há sentimento (Participante 09, F).

(...) Fingia gostar de fazer todas as práticas sexuais que fazíamos... Quase que a totalidade de homens com quem me relacionei sexualmente, aconteceu o sexo por pressão da parte deles. Infelizmente os homens não respeitam o nosso "não". Infelizmente os homens se aproximam de nós sempre com interesse sexual (Participante 17, F).

Após contar que era assexual, minha namorada começou a me obrigar a fazer sexo com ela, dizendo que se não fizesse ela terminaria comigo. Fiz forçado duas ou três vezes e disse que não faria mais, pois não queria e não gostava (Participante 24, M).

Tentar fazer de tudo para agradá-lo e ainda assim não ser o bastante. Me negligenciar. Fingir. Prezar mais o bem-estar do outro do que o meu. Performar o que a sociedade dita (Participante 18, F).

(...) Num país onde o sexo é praticamente imposto, é natural que pessoas pensem que se não quer contato sexual, seja frígido, doente ou religioso. É inconcebível no Brasil que pessoas simplesmente não queiram ter contato sexual (Participante 37, F).

Eu ficaria com ciúmes (de abrir a relação), preferiria tentar ter sexo do que deixar que o meu parceiro tenha relações com outras (Participante 09, F).

Eu acho errado liberar o parceiro para ter relações sexuais com outras pessoas, porque isso nada mais é que traição. Fidelidade é importante em qualquer relação amorosa, senão perde o respeito (Participante 26, M).

Em relação à maior coerção para práticas sexuais, observa-se que participantes assexuais do sexo feminino sofreram maior pressão para manter o ato sexual.

Tabela 3 – Pressão do parceiro para manter relação sexual de acordo com o sexo. Brasil, 2015-2020

SEXO	PRESSÃO DO/A PARCEIRO/A		
	Com pressão	Sem pressão	Total
Masculino	03	08	11
Feminino	11	05	16
Total	14	13	27

Fonte: Pesquisa direta.

Essa condição é reforçada ao se avaliar a relação entre a pressão do parceiro para manter relações sexuais e os dados sociodemográficos, em que se verificou a existência de associação significativa apenas para a variável sexo biológico ($LX^2=4,627$; $gl=1$; $p=0,031$). Baseado no risco relativo, participantes do sexo feminino tiveram 0,17 mais chances de serem pressionadas para manter relação sexual do que o sexo masculino. As pressões vivenciadas para submissão ao ato sexual refletem em impactos psicológicos, conforme dados da Tabela 04.

Tabela 4 - Sentimentos e estado emocional de assexuais em relação ao envolvimento amoroso com parceiros sexuais. Brasil. 2015- 2020

CARACTERÍSTICA	Fa*	Fr
Ansiedade, Nervosismo e Medo Ansiedade; Nervosismo; Medo e pânico; Insônia	28	16
Depressão, Apatia e Tristeza Apatia e tristeza; Depressão e desinteresse em atividades prazerosas; Baixa autoestima; Isolamento social; Dificuldade de concentração; Indiferença (não sentiu nada); Sentimento de culpa; Sofrimento intenso	93	53,14
Raiva e Agressividade Agressividade; Raiva e revolta; irritabilidade	24	13,71
Impotência e Inconformismo Impotência; Inconformismo	15	8,57
Risco/Sinais de Alerta Pensamento suicida; Sofrimento intenso	14	8
Nada específico	1	0,57
TOTAL	175	100%

Fonte: Pesquisa direta.

* Frequência determinada pelo número de vezes que cada característica foi selecionada. O total foi determinado pela soma da frequência de todas essas variáveis juntas.

Quanto aos efeitos psicológicos vivenciados por assexuais em relações amorosas com pessoas sexuais, destacou-se o medo do fim do relacionamento frente à insatisfação das necessidades sexuais do parceiro, além de sensações de desconforto, culpa, impotência, arrependimento, vulnerabilidade, depressão e incompreensão pela submissão aos atos sexuais na tentativa de manter os relacionamentos. Além desses sentimentos, indivíduos assexuais se autoperceberam com depreciação e violentados sexualmente, como observado nos depoimentos.

Na maioria das vezes, eu mesma me forçava a fazer sexo com a pessoa, por medo de ser largada (Participante 06, F).

(...) Não me submeto mais a esse tipo de situação. Porém, para chegar ao nível de autonomia que tenho hoje, muitas lágrimas rolaram... Sensação de impotência, de arrependimento, de vulnerabilidade (Participante 17, F).

Ficava deprimido quando começava a falar sobre isso, pois ela ficava sempre falando "não quero mais nada com você se não quiser (sexo)". E jogava a culpa em mim dizendo que não a entendia (Participante 24, M).

(...) Me sentia, muitas vezes, usada para fins de prazer alheio. Me sentia horrível após transar sem vontade, e me sentia violentada (...) (Participante 38, F).

Como eu nunca tenho vontade, não fico lubrificada e fico muito tensa. Por isso, sempre sinto dor nas relações sexuais. Tenho vontade de morrer ou de nunca ter nascido (Participante 32, F).

A cobrança era algo incessante, isso me prejudicava em meu trabalho, meus estudos e até na relação familiar. Era uma pressão psicológica abusiva que eu pensei até em suicídio pra acabar com aquilo (Participante 37, F).

Por fim, como forma de revelar as palavras (expressões) mais fortes de todos os depoimentos, a nuvem de palavras (Figura 01) representa o consolidado dos dilemas apontados por assexuais frente às questões relacionadas ao envolvimento amoroso com parceiros sexuais.

Observa-se destaque das palavras centrais e suas frequências de aparecimento "não (f=239)", "sexo

complexidade e variedade de relações e cenários que envolvem atos contra a liberdade sexual e experiências de sexo forçado (Cordeiro *et al.*, 2009), sendo esse fato um dos principais dilemas vivenciados nas relações amorosas entre pessoas assexuais e sexuais.

Nesse sentido, é importante destacar a fala da participante 17, do sexo feminino, quando se percebe a imposição do poder masculino, tendo em vista que o abuso sexual está fortemente atrelado à desigualdade de gênero, em que o homem se sobressai como sujeito ativo/viril frente à sexualidade/sexo, enquanto a mulher é objetificada sexualmente para satisfação dele (Sommacal; Tagliar, 2017), o que pode justificar o maior risco relativo de ceder à pressão sexual encontrado nas participantes do sexo feminino deste estudo. Assim, a existência de uma sociedade sexualizante pode explicar a aceitação do sexo em virtude da coerção simbólica (Diniz, 2007; Bourdieu, 2014; Lira; Barros, 2015).

A coerção simbólica para práticas sexuais está imbricada em determinações sociais que incorporam a indissociabilidade do amor e do sexo. Na maioria das vezes, essa coerção é invisibilizada não somente para a vítima, mas também para quem a pratica. Assim, a coerção sexual está atrelada a alguns aspectos, entre os quais a premissa do sexo como comprovação de sentimentos, a influência cultural da sociedade sexo centrada, o desconhecimento da condição assexual do parceiro e a discordância no que se refere à possibilidade de um relacionamento aberto (Cordeiro, 2009; Oliveira, 2013, Oliveira, 2014).

Um estudo, realizado com 4.634 homens e mulheres no Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, reforça essa realidade, uma vez que em seus resultados apresenta o sexo como forma de comprovação de sentimentos amorosos, em função do uso consciente ou não dessa premissa pelo parceiro sexual (Cordeiro *et al.*, 2009). A prática sexual imposta no âmbito social pode resultar em danos emocionais nas pessoas que não se identificam com o padrão normalmente aceito (Lima, 2021).

Além desse dilema, cultura e historicamente imposto, a atração sexual foi empregada como forma de conservar a relação (Toledo, 2013). Assim, levando-se em consideração que o sexo é necessário à constituição familiar, passou-se a compreender o sexo intrínseco às relações amorosas e obrigatório para manutenção dos relacionamentos. Essa premissa justificaria a razão pela qual a comunidade assexual tem receio de revelar sua condição ao parceiro sexual, ao passo que utilizam desculpas para a recusa da prática sexual. Estabelecem performances sexuais que não condizem às suas vontades e podem cogitar possível envolvimento do parceiro com terceiros para satisfação das necessidades sexuais desse.

Outro aspecto primordial a destacar é que, assim como seus parceiros, os assexuais como sujeitos culturais também reproduzem os valores e os ideais socialmente estabelecidos, inconscientemente perpetuando ou reproduzindo os princípios e valores que fundamentam a própria violência sofrida e o estigma da classe assexual. Tal fato pôde ser demonstrado pela pequena quantidade de participantes assexuais dispostos a abrirem o relacionamento (22,5%/n=9) a terceiros. A maior indisposição dos participantes para permitir que os parceiros possam se relacionar com outras pessoas naturalmente implicaria numa possível restrição dos assexuais para também se relacionarem amorosamente uns com os outros.

Conforme demonstrado também pelos depoimentos, tal desinteresse dos assexuais pelos relacionamentos não monogâmicos sugere que esses são tão vítimas das imposições culturais e dos ideais de amor romântico quanto os seus parceiros, uma vez que, na perspectiva da maioria dos assexuais, a prática de atos sexuais de seus parceiros com outras pessoas de forma consensual, muitas vezes, foi interpretada como desinteresse amoroso do parceiro, infidelidade, sensação de não ser o suficiente e provável envolvimento sentimental nas relações sexuais extraconjugais. Alguns assexuais chegaram a afirmar que prefeririam não se relacionar com ninguém ou se autoviolentar mantendo relações contra a sua vontade a permitir que os parceiros possam se relacionar com outras pessoas.

A manutenção de práticas sexuais a contragosto é considerada violência sexual e, embora participantes assexuais relatem a ocorrência desse agravo, expressada pelo abuso físico, evidencia-se também uma violência simbólica, a partir do constrangimento frente à obrigação de manutenção das práticas sexuais, que não necessariamente implicam o ato sexual em si (Diniz, 2007).

Considera-se como violência sexual qualquer conduta que constranja a vítima a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coerção, uso da força, chantagem, suborno e manipulação e que, isoladamente ou em conjunto, implicam violações dos direitos sexuais (Brasil, 2006).

Em uma visão ampliada acerca da sexualidade, ressaltam-se os direitos sexuais que se voltam para a vivência e expressão livre da sexualidade, sem medo, culpa, falsas crenças, violência, discriminação e imposições, bem como a escolha ou não de manutenção de práticas sexuais, além de se garantir a expressão da orientação sexual (Brasil, 2013; Vianna; Lacerda, 2004).

Sobre esses direitos, reflete-se acerca da importância da visibilidade dos atos coercitivos direcionados aos indivíduos assexuais, a exemplo da violência sexual, devendo o indivíduo assexual se reconhecer como vítima diante dessas situações, desde a coerção mais simbólica, uma vez que tal vitimização implica agravos à saúde, especialmente no âmbito emocional.

Essa também é uma realidade revelada neste estudo, no qual se observam vulnerabilidades de assexuais a transtornos psicológicos. Os depoimentos que abordam pensamentos suicidas, pressão psicológica, impotência, culpa, pensamento de que pode haver algo de errado consigo, entre outros, são incisivos de que os assexuais podem ser um grupo vulnerável psicologicamente, assim como a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) também o é por diferentes motivos.

Os jovens de minorias sexuais ou LGBT apresentam risco preponderante de tentativa de suicídio em relação a grupos heteronormativos (Giacomo *et al.*, 2018). Ao considerar o gênero, mulheres não heterossexuais se mostram mais vulneráveis às ideias e tentativas de suicídio, devido aos discursos heteronormativos aliados aos preceitos machistas (Teixeira; Rondini, 2012). Embora não se tenha dados específicos da população assexual sobre o risco de suicídio, reflete-se a presença da violência autoinfligida em populações que sofrem por fugirem às normas sociais.

Outro estudo, com uma amostra de 2.282 adolescentes de ambos os sexos, dos 101 autoidentificados como LGBT, 38,6% relataram pensamentos suicidas e 19,8% relataram tentativas de suicídio (Teixeira; Rondini, 2012). No que se refere à vitimização sexual, os não heterossexuais apresentaram duas vezes mais chances de sofrerem violência sexual, sendo que, dos que relataram ter sofrido abuso sexual, 16,7% declararam terem tentado se suicidar.

Logo, inúmeras são as consequências em assexuais como resultado dos dilemas experienciados nos relacionamentos com indivíduos sexuais. Perceber-se diferente da norma social/sexual implica luto social, com períodos de negação, culpabilização individual e uma visão distorcida a respeito de si, gerando padrões comportamentais disfuncionais, acarretando sofrimento, negação da própria orientação sexual, baixa autoestima, desvalorização da autoimagem e tentativas de fingir se adequar ao padrão ou de esconder a própria orientação sexual (Zanluqui; Sei, 2017).

Nesse contexto, cabe destacar que o estudo de caso-controle com 77 mulheres assexuais e 54 não assexuais revelou que as participantes assexuais possuem maior probabilidade para vivências de afetos negativos como tristeza, medo, embaraço, raiva, culpabilidade e repulsa, bem como possuem menor quantidade de interações sociais, maior necessidade de estimulação e menor capacidade para exprimir alegria (Lemos, 2011).

Tais sentimentos corroboram com aqueles manifestados pelos participantes deste estudo, em que se percebeu instabilidade emocional em detrimento da submissão às vontades sexuais do parceiro e autoculpabilização em não contemplar as expectativas sexuais presentes em âmbito social. Esses sentimentos são manifestados principalmente diante da violência por parceiro íntimo, em que o abuso emocional contribui para a coerção sexual, dessa forma, a pessoa assexual submete-se ao sexo para satisfação desse parceiro (Carney; Barner, 2012; Karakurt; Silver, 2013).

Tendo em vista os dilemas abordados, é possível entender a magnitude da invisibilidade da população assexual na sociedade, sendo necessário que essa comunidade ocupe seu espaço na sociedade, podendo se reconhecer livremente como assexual, sem sofrimento social e mental.

Conclusão

Os achados do estudo apontam e reforçam que indivíduos assexuais se submetem às relações sexuais coercitivas com parceiros sexuais, evoluindo, em sua maioria, com desordens psicológicas decorrentes deste cenário.

Assim, com base nos achados deste estudo e com vista à minimização de danos físicos e psicológicos e

à melhora da qualidade das relações entre sexuais e assexuais, recomenda-se aos assexuais: a) reconhecer a sua identidade assexual e procurar se informar ao máximo a respeito do assunto; b) ter bastante cautela, avançar gradualmente e reconhecerem e respeitarem os próprios limites ao se submeterem a atividades sexuais contra a sua própria vontade; c) reconhecer-se vítima de violência sexual em caso de coerção sexual; d) priorizar relações românticas e até sexuais com outros assexuais, f) encontrar acolhimento, conselhos, pertencimento e identificação por meio de fóruns, grupos, relações de amizade e construção de comunidade com outros assexuais; por fim, g) procurar serviços de saúde e auxílio psicológico em caso de necessidade.

Embora com achados importantes, este estudo apresentou algumas limitações, entre elas a restrição amostral, amostra por respostas voluntárias e impossibilidade de estabelecimento de relações de significância para a maioria das variáveis. Mesmo diante de tais limitações, o estudo possibilita maiores reflexões sobre o impacto das imposições para uma vida sexual na população assexual, despertando para maior difusão desta realidade e busca de estratégias de enfrentamento.

Por fim, acredita-se que o presente estudo tenha contribuído para o aumento da visibilidade da comunidade assexual e para o reconhecimento dos problemas e necessidades específicos dessa população, cuja vulnerabilidade à coerção sexual pode acarretar em relacionamentos disfuncionais ou maior sofrimento psicológico.

No que tange à população sexual, a discussão acerca da relação entre o amor e o sexo suscitadas neste estudo contribui para expandir as possibilidades de vivência e de expressão da sexualidade, do afeto e das múltiplas formas de amar e se relacionar, trazendo contornos mais amplos, inclusivos e sustentáveis que potencializam a expressão do erotismo, da sexualidade e da própria identidade do sujeito.

Referências

- AVEN. *Asexual Visibility and Education Network*. Sobre assexualidade [online] 2019. Disponível em: <http://asexuality.org>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRASIL. *Lei Maria da Penha*. Cria mecanismos para coibir a violência contra a mulher. Brasília. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Resolução Nº 510 de 7 de abril de 2016*. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde sexual e saúde reprodutiva*. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2013. 1(1). reimpr. – Brasília. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BRIGEIRO, M. A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, v. 14, p. 253-283, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/vdj6wRjM6bY9ndphcwDjGGK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- CAMARGO, B.V; JUSTO, A.M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 13 out. 2017.
- CARNEY, M. M; BARNER, J. Prevalência de abuso por parceiro: taxas de abuso e controle emocional. *Partner Abuse*, v. 3, n. 3, p. 286-335, 2012. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2012-22708-002>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- CARRIGAN, M; GUPTA, K; MORRISON, T. Asexuality Special Theme Issue Editorial. *Asexuality and Sexual Normativity: an anthology. Psychology & Sexuality*, v. 4, n. 2, p. 111-120, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19419899.2013.774160>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- COMUNIDADE ASSEXUAL. [online]. 2019 Disponível em: <https://www.assexualidade.com.br/>. Acesso em:

15 abr. 2019.

CORDEIRO, F; et al. Entre negociação e conflito: gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 4, p. 1051-1062, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400012>. Acesso em: 08 abril. 2023.

COSTA, C. *A de assexual: entendendo a assexualidade humana*. São Paulo: edição independente. 2017.

DI GIACOMO, E.; KRAUSZ, M.; COLMEGNA, F., ASPESI, F., CLERICI, M. Estimating the Risk of Attempted Suicide Among Sexual Minority Youths: A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA Pediatr*, v. 172, n. 12, p. 1145-1152, 2018. doi: 10.1001/jamapediatrics.2018.2731. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30304350/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

DINIZ, D. (2007). Fórum: violência sexual e saúde. Posfácio. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 23, p. 477-478, 2007. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/livro_aborto.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

FIELD, A. *Descobrimo a estatística usando SPSS*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KARAKURT, G; SILVER, K. Emotional abuse in intimate relationships: The role of gender and age. *Violence Vict*, v. 28, n. 5, p. 804-821, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3876290/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LE MOS, D. S. C. M. *Assexualidade: factores de vulnerabilidade psicológica*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense) — Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/8372/1/Tese%20Final.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2012.

LIMA, C. M. N. Assexualidade: os desafios para o reconhecimento e aceitação social = *Asexuality: the challenges for social recognition and acceptance*. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 110-125, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/762>. Acesso em: 19 nov. 2020.

LIMA, C. M. N. Assexualidade: os desafios para o reconhecimento e aceitação social. *Revista Ibero - Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 110-125, 2021. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/762>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LIRA, K.F; BARROS, A. M. Violência contra as mulheres e o patriarcado: um estudo sobre o sertão de Pernambuco. *Revista Ágora*, Vitória, v. 22, p. 275-297, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/13622/9665>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MARCHAND, P; RATINAUD P. *L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française* (septembre-octobre 2011). Actes des 11^{es} Journées internationales d'Analyses statistiques des Données Textuelles., p. 687-699, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285511126_L'analyse_de_similitude_appliquee_aux_corpus_textuels_les_primaires_socialistes_pour_l'election_presidentielle_francaise. Acesso em: 17 fev. 2025.

MUNÁRRIZ, L.A.; BEZERRA, P. V. *A Identidade "assexual"*. Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI. 1 ed. Londrina: Ed UEL, 2019. p. 65-105.

OLIVEIRA, E. R. B. *"Minha vida de ameba": os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-102351/>. Acesso em: 13 mar. 2015.

OLIVEIRA, E. R. B. *Saindo do armário: a assexualidade na perspectiva da AVEN – Asexual Visibility and Education Network*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384778146_ARQUIVO_ElisabeteReginaBaptistadeOliveira.pdf. Acesso em: 13 mar. 2015.

PARENTE, J. S.; ALBUQUERQUE, G. A. Asexuality: Dysfunction or Sexual Orientation?. *Reprod Syst Sex Disord.*, v. 5, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.longdom.org/open-access/asexuality-dysfunction-or-sexual-orientation-2161-038X-1000185.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

PRZYBYLO, E. Crisis and safety: The asexual in sexusociety. *Sexualities*, V. 14, n. 4, p. 444-461, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258187137_Crisis_and_Safety_The_Asexual_in_Sexusociety. Acesso em: 10 mar. 2025.

ROZENTHAL, E. Asexualidade: um olhar psicanalítico para o futuro. *Cad. Psicanál.*, v. 40, n. 38, p. 111-124. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100007. Acesso em: 04 fev. 2025.

SANTOS, V. K. *(As)sexualidades – processo de subjetivação e resistência*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19428/2/Val%C3%A9ria%20Konc%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

SOMMACAL, C. L.; TAGLIAR, P. A. A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da ESMESC*, v. 24, n. 30, p. 245-268, 2012. Disponível em: <https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/169>. Acesso em: 10 fev. 2025.

STEFANELLI, B. TAB UOL, 2020. *Assexuais*. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/assexuais/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TEIXEIRA, F.F.S.; RONDINI, C.A. Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas. *Saúde Soc*, v. 21, n. 03, p. 651-667, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300011>. Acesso em: 06 out. 2020.

TOLEDO, M.T. Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano*, v. 2, p. 201-218, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9687>. Acesso em: 29 mar. 2025.

VIANNA, A; LACERDA, P. *Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e Diagnóstico*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

ZANELLA, T. A.; ORTOLAN, A. K.; LUZ, S. K. *Motivos das dissoluções conjugais na atualidade: uma revisão narrativa*. In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO COMUNITÁRIA, 11.; MOSTRA DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO IMED, 10., 2017. *Anais [...]*, Passo Fundo: IMED, 2017. Disponível em: <https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/ximic/paper/viewFile/597/177>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ZANLUQUI, L. V.; SEI, M. B. *Suicídio: já parou para pensar?*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em: <https://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Suicidio%20-%20ja%20parou%20para%20pensar%20ordf%20edicao.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

Recebido em: 30/06/2025

Aprovado em: 21/10/2025